

## **TERMINOLOGIA – UMA ENTREVISTA COM MARIA DA GRAÇA KRIEGER**

**Maria da Graça Krieger**

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

**ReVEL – Sabemos que as áreas de Terminologia e Lexicologia estão bastante relacionadas (esta edição da ReVEL, por exemplo, se destina a ambas as áreas). Como a senhora pode definir “Terminologia” e “Lexicologia”? Em que pontos as duas ciências convergem e em que pontos se distanciam?**

**Maria da Graça Krieger** – Aparentemente, esta é uma questão simples, mas não é porque envolve muitos aspectos que merecem ser mencionados. Sob o ângulo da “simplicidade”, pode-se dizer que o ponto de convergência entre as duas áreas reside no objeto genérico das duas, qual seja, o léxico. E o que as distingue é o fato de a Lexicologia se ocupar do chamado léxico geral, enquanto a Terminologia toma o léxico especializado ou temático, que é composto pelos termos técnico-científicos, como seu objeto principal de estudos e de aplicações. Por isso, a Lexicologia é tradicionalmente definida como o estudo científico do léxico e a Terminologia como a área que recorta do universo léxico os termos técnico-científicos. Essa resposta, embora simples, é correta e parte da concepção de léxico como conjunto de palavras de uma língua, é só nessa perspectiva que podemos estabelecer essa divisão metodológica entre dois tipos de léxico: o geral e o especializado.

Faço referência a uma divisão metodológica, porque léxico não é um bloco monolítico, mais ainda, é um componente dinâmico que comporta itens lexicais formalmente semelhantes que integram tanto a comunicação geral, como a

especializada. Tanto assim é que os dicionários gerais, de caráter exaustivo, agregam ao final dos verbetes, quando pertinentes, os sentidos especializados. É exemplo dessa transposição lexical, o item *balanço*, que significa brinquedo nos usos comuns, mas que adquire sentido de verificação ou resumo de contas comerciais no âmbito da especialidade conhecida como Contabilidade. É assim também que *tributo* é definido como um imposto, uma taxa a ser paga, ao integrar a linguagem econômica, mas significa homenagem, preito, quando usado fora da comunicação especializada. Tal fato, típico do funcionamento da linguagem, evidencia que não existem fronteiras rígidas no interior do componente lexical a separar palavras e termos. A rigor, a fronteira diferenciadora entre léxico especializado e léxico comum define-se basicamente pelo plano semântico da unidade lexical e não por sua parte formal designativa. Apesar de suas especificidades conceituais, palavras e termos são unidades lexicais que integram o conjunto léxico de uma língua e comportam-se nos mesmos padrões sistêmicos.

Devo ainda acrescentar que esse fenômeno de linguagem que determina a conjunção e a disjunção palavra/termo é típico das terminologias cunhadas sob a forma do léxico geral e que não podem reivindicar a exclusividade denominativa. Diferentemente, acontece com os termos de algumas áreas científicas que, em seus processos denominativos, inspiraram-se na tradição das nomenclaturas técnico-científicas, como as da Biologia e da Zoologia, que foram cunhadas em latim e em grego com a finalidade de fugir das ambiguidades a que o léxico comum está sujeito. O princípio constitutivo das nomenclaturas, caracterizando-se como uma espécie de língua universal das ciências e das técnicas, influenciou largamente o processo denominativo de muitas áreas científicas. É assim que termos da Medicina, por exemplo, utilizam formantes gregos e latinos em seus repertórios terminológicos, como atestam *litíase renal* e *cardiopatia*. Tal formato terminológico, mesmo obedecendo aos padrões morfossintáticos do português, tende a uma exclusividade designativa, restringe-se ao estatuto de termo, já que não passou a ser usada em conversas informais.

Ainda considerando os vários ângulos que a resposta a esta pergunta requer, é importante lembrar que, no âmbito dos estudos linguísticos, tomar o léxico como objeto central de pesquisa não significa uma homogeneidade investigativa. Ao

contrário, a tendência geral é de adoção de um determinado enfoque teórico e epistemológico, bem como de escolha de algum aspecto descritivo sobre esse componente basilar de todo e qualquer sistema linguístico. Isso se explica, porque o conceito de léxico pode variar conforme a teoria adotada, ou em razão do privilégio atribuído a alguma das inúmeras faces e/ou modos de realização das unidades lexicais de um idioma. Por tudo isso, o campo de estudos lexicológicos é amplo e abriga vários ângulos constitutivos da palavra, privilegiando a interface com aspectos semânticos, de formação de neologismos, além de identificação de vocabulários, configurando recortes que transpõem o plano do léxico para as relações de uso das palavras de um idioma.

### **ReVEL – Quais foram os primeiros estudos terminológicos de que se tem conhecimento? Como a área começou a se desenvolver?**

**Maria da Graça Krieger** – Antes de tudo, gostaria de lembrar que o termo *terminologia* possui, basicamente, dois significados distintos. O primeiro, escrito com a inicial minúscula, diz respeito ao conjunto de termos de áreas científicas, técnicas, tecnológicas, a exemplo da terminologia médica, da economia, do direito, da linguística etc. Esta é uma forma também de dizer que não há conhecimento especializado sem seus termos próprios, o que remete à relação direta com os conceitos de cada campo de saber especializado. A existência de léxicos especializados é muito antiga, observando-se que, nos atuais de tempos, em razão do imenso desenvolvimento científico e tecnológico, há uma grande proliferação de terminologias.

O segundo significado, escrito com a inicial maiúscula, refere-se ao campo de estudos teóricos e aplicados que se ocupa dos termos científicos e técnicos com distintos focos de interesse e de perspectivas. Esse segundo significado é bem mais recente, tendo surgido em torno dos anos 60 do século XX. Apesar da sua “juventude”, a Terminologia já escreveu um percurso histórico que tem impulsionado sua investigação de forma a alinhá-la à Lexicologia e à Lexicografia, formando o trio de disciplinas que configuram as denominadas Ciências do Léxico. A Terminologia, que é a mais jovem integrante desse contexto, deve seu surgimento ao engenheiro

austríaco Eugen Wüster, professor da Universidade de Viena, que instituiu a Teoria Geral da Terminologia (TGT), cujos postulados motivaram o desenvolvimento de um grupo que passou a ser conhecido como Escola de Viena.

Wüster concebeu a Terminologia como um campo interdisciplinar em que a Linguística consiste num dos polos de convergência, ao lado das ciências cognitivas, da comunicação e da informática. Entretanto, sua teoria privilegia aspectos cognitivos e normativos das terminologias. Nessa medida, a TGT caracteriza-se por ser vocacionada para a problemática de padronização internacional dos termos técnico-científicos, privilegiando assim a missão de controlar os usos terminológicos no plano mundial. Ressalta-se então que o pensamento wusteriano foi mais direcionado para a valorização do termo como um nódulo cognitivo de uma área de conhecimento especializado, não sendo visualizado como um signo linguístico com seus naturais componentes constitutivos.

Com princípios distintos, no final do século passado, começam a se intensificar proposições linguísticas de investigação terminológica, que representam uma reversão de paradigmas epistemológicos em relação ao estudo dos termos. O grande diferencial é que o termo deixou de ser compreendido apenas como representação ontológica de uma área de conhecimento, passando a ser concebido como um item lexical que, para além de uma dimensão cognitiva, compreende uma face linguística; portanto, sofre as implicações dos sistemas linguísticos e do funcionamento da linguagem. O quadro referencial de exame dos termos voltou-se aos seus reais contextos de ocorrência. Com isso, identificou-se, por exemplo, a existência de variação e de sinonímia dos termos técnicos, aspectos não reconhecidos pela teoria tradicional. Ao contrário, agora se constata que o termo comporta-se de modo semelhante às unidades do léxico geral, e que o léxico especializado não constitui uma língua à parte, como antes se julgava. Nessa medida, termo e palavra não se distinguem *a priori*, mas somente pelo conteúdo, especializado ou não, que veiculam nos atos comunicativos.

Assim, com fundamentos linguístico-descritivos, determinando a passagem do normativo ao descritivo, a Terminologia assume uma face linguística como um campo de conhecimento, cujos parâmetros epistemológicos a situam, efetivamente, no

âmbito das ciências da linguagem. É nessa perspectiva que se sistematiza e se difunde largamente a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), elaborada, no início da década de 1990, por Maria Teresa Cabré e seu grupo de colaboradores da Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona, Espanha. É de igual teor a Socioterminologia, que surgiu no Canadá, ainda na década de 1980, com os trabalhos de Jean-Claude Boulanger e Pierre Auger, e que foi incrementada por François Gaudin em seu doutoramento.

Toda essa sorte de contribuições acarretou um grande impulso aos estudos sobre os termos, levando a Terminologia a contar com um corpo teórico, com maior poder descritivo e explicativo para dar conta da complexidade envolvida na constituição e funcionamento das terminologias. Com os mesmos fundamentos comunicacionais, tem sido também aprofundada a compreensão sobre a definição e a fraseologia, esta também integrando o conjunto dos objetos diretos da Terminologia, como tenho defendido há mais tempo. De forma indireta, e com valor metodológico, interessa também aos estudos terminológicos aprofundar o conhecimento sobre os textos especializados, sobretudo, porque eles são o *habitat* natural das terminologias.

Com todo esse desenvolvimento, pode-se dizer que o percurso histórico da Terminologia ainda está sendo escrito, e de forma instigante, pois tem aberto caminhos para uma visão linguística e pragmática sobre o componente lexical especializado.

**ReVEL – Como estão as pesquisas sobre Terminologia no Brasil hoje?  
Quais são os principais focos de pesquisa e as principais preocupações da  
área no país?**

**Maria da Graça Krieger** – No Brasil, as pesquisas terminológicas têm avançado significativamente. Os trabalhos pioneiros surgem ainda na década de 80 do século XX, sobretudo, na Universidade de Brasília (UnB). A Universidade de São Paulo (USP) também já desenvolvia pesquisas sobre aspectos de neologia dos termos técnico-científicos. No início da década de 1990, surge o grupo TERMISUL, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), seguindo-se outros de

diferentes universidades do interior de São Paulo, como a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Universidade Estadual Paulista (Unesp) em São José do Rio Preto. No Nordeste, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e as Universidades Estadual e Federal do Ceará (UECE e UFC) passaram também a desenvolver pesquisas terminológicas. Esse rápido mapa geográfico alargou-se muito desde os primeiros anos do século XX, o que se traduz pelo surgimento de novos grupos de pesquisa e pela introdução da disciplina de Terminologia em vários programas de pós-graduação. Resultado de tudo isso é o conjunto significativo de dissertações e teses já concluídas e em desenvolvimento. Não se pode esquecer também dos trabalhos de conclusão de curso de graduação que passaram a focalizar questões terminológicas. Em resumo, pode-se dizer que a Terminologia é hoje uma área de estudos reconhecida no Brasil. Esta é uma situação muito distinta da que se verificava há cerca de 15/20 anos, mas de resto, não apenas no Brasil, posto que a Terminologia é um campo ainda considerado novo no âmbito dos estudos da linguagem.

Dizer que a área está consolidada exige referir também que se trata de um campo de estudos teóricos e aplicados, o que já assinala uma diversidade de focos de interesse, como vou adiante tentar explicar. Ao mesmo tempo, a Terminologia é um campo de interfaces, em particular com a Tradução e a Ciência da Informação, particularmente, a Biblioteconomia, equivalente à Documentação em outros países. A esses vários ângulos alinham-se também focos distintos daqueles que decorrem de interesses e visões de linguistas.

No caso da Terminologia de fundamento linguístico, os principais focos de pesquisa centram-se em torno dos termos e de seu reconhecimento, das fraseologias especializadas, da definição terminológica e ainda dos textos especializados. Este último conceito cobre realizações textuais como artigos científicos, dissertações, teses, relatórios, entre outras possibilidades.

Vale salientar que a questão do reconhecimento terminológico recebeu grande impulso em razão dos programas informatizados que agilizam esse reconhecimento. Apesar da importância dessa agilização, a identificação terminológica é sempre complexa, considerando que o termo técnico-científico tende a ser multivocabular em

detrimento de sua constituição por meio de um único item lexical. De igual modo, os termos apresentam problemas de graus de lexicalização para alcançar sua realização sintagmática. Essa ordem de problemas ainda não é equacionada satisfatoriamente pela máquina, que se limita a oferecer candidatos a termo. Cabe então ao especialista a determinação final do estatuto terminológico de um item lexical e/ou semiótico, já que símbolos, por exemplo, podem ter valor de termo.

Ao falar da problemática do termo, penso ilustrar um pouco as questões que permeiam a área e também mostrar por que a Terminologia interessa, por exemplo, à tradução. Todo o tradutor precisa reconhecer um termo para bem traduzi-lo, dado que representa um nódulo cognitivo de uma área de saber especializado e seu equivalente semântico poderá ter uma estrutura sintagmática totalmente distinta na língua de chegada. Mais ainda, a questão dos neologismos terminológicos é crucial para os tradutores e tem sido bastante estudada em nosso meio sob vários aspectos.

Por sua vez, as pesquisas terminológicas da Biblioteconomia relacionam a terminologia com os descritores de indexação das bases de dados bibliográficas. Recorrem, portanto, a termos na construção das linguagens documentárias, de modo a facilitar a recuperação da informação pelos usuários de bibliografia de campos de saber especializado. E, como as tecnologias da informação favorecem as buscas virtuais, a temática da variação linguística tem ocupado importantes e novas pesquisas terminológicas.

Em paralelo, há os estudos com fins aplicados, que se voltam à produção de glossários, dicionários temáticos e mesmo bancos de dados terminológicos. Hoje, no Brasil, contamos com um número crescente de produtos terminológicos resultantes de trabalhos de estudiosos da Terminologia. Acrescente-se ainda que muitos desses trabalhos têm se valido de dados de *corpora* organizados com linguagens especializadas, revelando uma interface produtiva da Terminologia com a Linguística de *Corpus*.

Em síntese, procurei traçar um quadro pontual dos focos investigativos recorrentes da Terminologia e de suas inter-relações disciplinares. É bem verdade que outros aspectos ainda poderiam ser mencionados, tendo em vista que a Terminologia vem

ampliando largamente seus horizontes. Em sua genuína identidade, seu foco principal é o componente lexical especializado das línguas, mas sem esquecer que o léxico é multifacetado e basilar em todo o processo comunicativo. Compreender o fenômeno terminológico, hoje, significa compreender também outros elementos que integram e corroboram o estabelecimento e a divulgação dos saberes especializados.

**ReVEL – Qual a sua posição sobre os estrangeirismos no português do Brasil? Eles têm/teriam mesmo algum poder para corromper a nossa língua?**

**Maria da Graça Krieger** – Eu tenho uma posição muito clara sobre isso e vou responder de forma muito sucinta. A entrada de estrangeirismos é um processo natural e universal nas línguas de cultura. Esse fato está associado a fatores de algum modo interligados ao dinamismo de qualquer sistema léxico já que este tende a renovar-se, seja por ampliar-se com ingresso de novas palavras, seja porque muitas delas caem em desuso. Evidentemente, a renovação não ocorre na sua totalidade, mas em certa medida para que se mantenham as condições de comunicação, bem como o acervo léxico que permite a comunicação entre os membros de uma mesma comunidade linguística.

Como havia dito, trata-se então de aspectos intrínsecos ao funcionamento linguístico e as terminologias produzem forte impacto sobre a ampliação lexical, tendo em vista que o léxico é de natureza denominativa e designativa. Logo, o surgimento de um novo conceito, de uma nova tecnologia ou produto tecnológico exige identificação pelo nome, constituindo-se um novo termo. Isso pode ocorrer no domínio do vernáculo ou com palavras estrangeiras que, em realidade, são predominantes, já que o desenvolvimento científico e tecnológico é mais forte fora do Brasil. Em geral, em nosso meio, importa-se o produto e sua denominação. Em alguns países, há uma tradição de traduzir as “importações” terminológicas. É bem verdade que a tradução pode chegar tarde e não tem poder de reverter o uso já estabelecido de algum termo estrangeiro.



Com a lembrança desse último fato, faço referência também a um fator de natureza sócio-cultural típico do Brasil, um país desprovido de políticas linguísticas. Não penso em políticas inócuas de “protecionismo”, mas em ações que propiciam a valorização do idioma nacional a exemplo da instituição de um instituto lexicográfico que desempenhe o papel de centro de referência dos usos do idioma. Aqui, ao contrário, há uma espécie de cultura do estrangeirismo, largamente usado nos mais variados contextos de comunicação. Parece ser mais fino e persuasivo, bem como produz efeito de internacionalização, dizer *cinquenta por cento off* do que *liquidação* ou *delivery* ao invés de *entrega*. Precisamos dessas expressões? Objetivamente, não nos fazem falta, vamos nos habituando a conviver com isso.

Meu posicionamento não significa recusa de estrangeirismo e tampouco entendo que seu ingresso numa língua é fator de corrupção idiomática ou de desvirtuamento do vernáculo. Já disse, desde o início, que a doção de estrangeirismos é um processo natural do funcionamento das línguas vivas e há palavras que perderam a nacionalidade, tornaram-se universais como: *táxi*, *charme* e *chance*. Mas entendo que seu uso excessivo é desnecessário, já que temos, muitas e muitas vezes, o termo equivalente em nosso vernáculo. É bom lembrar que há estudos de Lexicologia que estabelecem a diferença entre empréstimos necessários e não necessários. É necessário “cunhar” o verbo *inicializar* para dizer *ligar* o computador, quando temos o simples e conhecido verbo *iniciar*?

Concluo lembrando ainda que estudos sobre neologismos do português brasileiro já mostraram que a incidência de estrangeirismos é relativamente pequena, considerando o acervo geral da língua que aqui falamos. Contudo, não podemos esquecer que o idioma é expressão de identidade nacional, daí por que se torna importante a preocupação com a valorização da língua que falamos.

**ReVEL – A senhora poderia sugerir algumas leituras essenciais sobre Terminologia para nossos leitores (alunos, professores e pesquisadores das áreas de Letras e Linguística)?**

**Maria da Graça Krieger** – Vou sugerir algumas leituras, sempre pensando que posso esquecer alguma obra importante. Começo a lista de sugestões com algumas publicações internacionais, onde o estudo da Terminologia é mais antigo e desenvolvido. Neste sentido, indico os livros de Alain Rey, *La Terminologie: noms et notions* (PUF, 1979), e de Juan Sager, *A practical course in terminology processing* (John Benjamins Publishing Company, 1990), que também possui uma versão em espanhol, *Curso práctico sobre el procesamiento de la terminología* (Fundación Germán Sánchez Ruipérez/Pirámide, 1993). São fundamentais os livros de Maria Teresa Cabré, *La Terminología: teoría, metodología, aplicaciones* (Antártida/Empúries, 1993) e *La Terminología: representación y comunicación* (IULA/Universitat Pompeu Fabra, 1999), assim como a compilação de textos de Eugen Wüster, *Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica* (IULA/Universitat Pompeu Fabra, 1988). Faço questão ainda de recomendar a leitura de autores canadenses como Pierre Auger, Jean-Claude Boulanger e Guy Rondeau, os quais contribuíram muito com o desenvolvimento da área.

Em língua portuguesa, a bibliografia da área tem avançado razoavelmente, pois os estudos e as pesquisas têm crescido no Brasil, sobretudo na última década. Recomendo a coleção intitulada *Ciências do Léxico*, que já está no volume 5. Nos livros que a integram, há sempre uma parte dedicada à Terminologia. Indico também a leitura dos livros *Introdução à Terminologia: teoria e prática* (Contexto, 2004), de minha autoria e de Maria José Bocorny Finatto, e *Curso básico de Terminologia* (Edusp, 2004), de Lídia Almeida Barros.

Vale dizer ainda que há revistas científicas especializadas, como a *Debate Terminológico* da Rede Ibero-americana de Terminologia (RITerm) e a *TradTerm* da USP, além de outras que destinam números temáticos, como a *Organon* n. 26 (UFRGS, 1998) e, agora, esta **ReVEL**. Também é possível encontrar artigos nos sites dos grupos que trabalham com pesquisa terminológica, bem como teses e dissertações nas bibliotecas digitais de universidades e de programas de pós-graduação que têm a Terminologia ou o estudo do léxico e das linguagens especializadas como linha de pesquisa.